

VOL. 6. Nº 11
UMA INTRODUÇÃO AO
«CIDADE EDUCADORA: OLHARES E PRÁTICAS»

Coord. Paulo Louro
Docente em Instituto Superior de Educação e
Ciências, Lisboa, Portugal
(paulo.louro@iseclisboa.pt)

Porquê Cidades Educadoras?

Num momento em que as cidades enfrentam desafios sem precedentes, em que a vida urbana é cada vez mais diversa e complexa, em que a maioria da população mundial se concentra em cidades e em que 2 ou 3% da superfície terrestre consome 60% da energia e produz 70% do lixo mundial, há que olhar para as cidades e para o papel dos governos locais como elementos fundamentais no processo de transformação das sociedades. Aquilo a que alguns chamam desenvolvimento traz associados riscos incomensuráveis ao nível dos recursos, da preservação do património, das clivagens sociais...

O paradigma da cidade educadora, inspirado em Fauré e desenvolvido a partir de Barcelona desde 1990, apresenta-nos um quadro conceptual, inspirado nos 20 princípios da Carta das Cidades Educadoras que são, potencialmente, ferramentas para que os governos locais possam construir caminhos de convivência, de encontro e de sustentabilidade.

A rede internacional de cidades educadoras, sob a égide da Associação Internacional de Cidades Educadoras (aice) congrega quase 500 governos locais de diferentes partes do mundo, apostados em promover a qualidade de vida dos seus cidadãos, com foco particular na Educação enquanto elemento transversal a toda a ação política nos territórios.

A governação nestes territórios faz-se com tod@s, com os de cá e os de lá, os mais novos e os mais velhos, os que sempre cá viveram e os que chegaram



ontem, os que têm e os que não têm uma religião... sempre no pressuposto de que todos podemos e devemos contribuir para o bem comum.

Naturalmente que para atingir este desiderato, embora partindo de princípios comuns, recorre-se a diferentes estratégias e ações em função de diferentes contextos sociopolíticos.

É por isso que, neste número de kult-ur, contamos com participações vindas do Japão, do Brasil, de Espanha, do México e de Portugal.

Procurámos colaborações que equacionem a pertinência atual do conceito, conciliando-as com experiências práticas de ações que consubstanciam o conceito.

Antes da secção Àgora podemos ler um artigo de reflexão de Jaqueline Moll, experiente investigadora brasileira, que há vários anos vem dedicando o seu trabalho à ideia de cidade educadora quer na vertente política quer pedagógica.

Jaqueline Moll utilizando, para o mundo atual, a imagem do trapezista que não sabe se vai encontrar o trapézio no movimento seguinte, equaciona a necessidade de reinventar a cidade com base num aspeto que parece comum aos governos locais que escolheram esta abordagem governativa, a do compromisso. O compromisso de tod@s os que habitam, trabalham ou visitam um território é fundamental para que as comunidades sejam sustentáveis e a capacitação das mesmas um dos seus aspetos fundamentais.

A secção Àgora abre com um artigo sobre capacitação, no quadro da Educação para Todos e da Educação para o Desenvolvimento Sustentável, em que Kiichi Oyasu reflete sobre o papel dos Centros Comunitários de Aprendizagem na Ásia.

Apresentando uma perspetiva histórica e discutindo o papel atual dos clc (Community Learning Centers) o autor estabelece a ponte entre estes centros e os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, equacionando a importância da participação comunitária (num quadro intersetorial e intergeracional) e das redes para a construção de melhores sociedades.

Do México, através de Monica Morales e Cinthia Balderas, chega-nos o relato de uma experiência, inspirada nos princípios das cidades educadoras,



sobre rede de mulheres sem violência. Uma experiência com relatos na primeira pessoa e que mostra como o empoderamento e a capacitação promovem a transformação social.

Sendo um programa de prevenção assente no coletivo, fica o exemplo de como um coletivo que luta e se organiza por uma causa pode melhorar a vida de tod@s. Neste artigo salientamos também que a «invisibilidade das mulheres» (referida pelas autoras) se altera, cumprindo um dos desígnios da cidade educadora que é o de tornar visíveis tod@s na cidade.

A heterogeneidade nas cidades é o mote para o artigo de Joana Lúcio, que a partir de uma experiência na cidade do Porto, em Portugal, discute as ideias do curriculum explícito, implícito e reclamado das cidades, equacionando os sentidos atribuídos a um espaço, que tem de ser de encontro, por quem projeta e por quem se apropria desse espaço.

Participar na construção da cidade é o que se propõe na cidade de Santa Coloma de Gramenet, uma experiência ricamente descrita por Dafne Saldaña e as suas colegas sobre a cocriação no espaço público e de como, inspiradas pela obra de Lefevre abordada num número anterior de kult-ur, as crianças, num exercício de cidadania plena, participam no planeamento da cidade, criando condições para que esse planeamento inclua as perspetivas de tod@s, incluindo os mais jovens.

Essa é, efetivamente, uma das preocupações das cidades educadoras, o planeamento para tod@s e a possibilidade de tod@s participarem na vida da cidade.

É sobre este aspeto que incide o último artigo, de Domingos Rasteiro, que procurou estudar as práticas e as políticas dos governos locais portugueses relativamente às questões da inclusão.

Das conclusões do seu trabalho verificamos a necessidade de continuar a aprofundar o conceito de cidade educadora e de como a academia pode ajudar quem tem responsabilidades ao nível das políticas públicas, para que possamos atingir uma sociedade com maior qualidade de vida.



Ainda neste número de kult-ur, na secção Stoa, podemos ler uma entrevista com Laura Alfonso, responsável pela delegação da América Latina de Cidades Educadoras.

Na sua entrevista Laura Alfonso dá-nos conta dos passos que estão a ser dados nesta área do globo no quadro de intervenção das cidades educadoras.

Podemos também aceder a uma recensão do livro Hope for Democracy, realizada por Alexandra Aníbal, que nos faz o ponto da situação dos orçamentos participativos, um importante instrumento promotor da participação, pelo mundo.

A todos os autores e autoras agradeço a partilha, os contributos e a reflexão para a construção de cidades cada vez mais educadoras.

Junho de 2019